

**INSTITUTO QUATRO ESTAÇÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ANA MARIA M. C. DE TOLETO PIZA
JEANNINE MARINHO LOPES
MICHELLI ARIANE PIRES

**UM OLHAR DE VIDA PARA OS “TRABALHADORES DA
MORTE”**: Os agentes de necropsia e a relação com a família
enlutada.

São Paulo
2023

ANA MARIA M. C. DE TOLETO PIZA
JEANNINE MARINHO LOPES
MICHELLI ARIANE PIRES

UM OLHAR DE VIDA PARA OS “TRABALHADORES DA MORTE”: Os agentes de necropsia e a relação com a família enlutada.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Quatro Estações, no curso de Especialização e Aprimoramento em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Tinoco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE.....	10
3. CONHECENDO O TRABALHO DOS AGENTES DE NECROPSIA.....	12
3.1 O Instituto Técnico- Científico de Perícia (ITEP) e o Instituto Médico Legal (IML).....	11
3.2 O ofício de trabalhar com o corpo morto.....	15
3.3 Os agentes de necropsia e a dor das famílias enlutadas.....	16
4. O LUTO DAS FAMÍLIAS FRENTE A PERDA POR MORTE VIOLENTA E REPENTINA.....	17
5. OBJETIVO GERAL.....	20
6. MÉTODO.....	20
7. RESULTADOS.....	20
8. ROTEIRO.....	23
8.1 AS AVENTURAS DE FINY.....	23
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
10. REFERÊNCIAS.....	31
ANEXO.....	33

DEDICATÓRIA

Aos agentes de necropsia do Instituto Técnico-Científico de Perícia do Rio Grande do Norte, que gentilmente aceitaram conversar conosco, nos ensinando sobre a riqueza do seu fazer profissional. A vocês, nossa profunda admiração.

AGRADECIMENTOS

Aos professores e colegas do curso pela rica transmissão de saberes e experiências compartilhadas.

À nossa orientadora Prof Valéria Tinoco pelas valiosas contribuições.

Ao nosso grupo de trabalho pelo caminho trilhado em conjunto, onde somamos e construímos aprendizados.

À direção e funcionários do ITEP/RN por possibilitarem a realização desse trabalho, em particular à assistente social Adelma Timotio, por sua disponibilidade.

Agradecimento especial à querida amiga Millena Câmara pelos incentivos e apoios fundamentais à viabilização desse projeto.

“A morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa que fala com voz branda, sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade é nos convidando à sabedoria de viver. A branda fala da Morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por nos falar da Vida.”

Rubem Alves

1-INTRODUÇÃO

Muito se escuta, no âmbito social, nas conversas informais, profundas ou despretensiosas que “a morte é nossa única certeza na vida”. Contudo, comumente e na maioria do nosso tempo, vivemos pouco conectados ou conscientes dessa constatação.

A morte é um evento que nos desaloja. Exige, de cada um, esforço de elaboração do evento e recursos adaptativos, como explica Casellato (2020, p. 26) “...porque se considera o processo de luto como sendo experimentado em várias dimensões...visto ser um processo de ajustamento a uma nova realidade imposta pela perda de um mundo previamente organizado, seguro, previsível: o mundo presumido”. Isso responde, em parte, porque a maioria das pessoas, pouco quer saber sobre a morte.

Porém, como alerta Kovács (2021, p.4) “quanto mais se nega a morte, mais essa se faz presente na violência urbana, no crescimento de doenças sexualmente transmissíveis, nas sequelas de acidentes e suicídios, entre outros eventos da vida”. Mas e para aquelas pessoas cujo trabalho exige um convívio cotidiano com a morte repentina e violenta?

Kovács (2021) coloca que as práticas de vivências do luto foram influenciadas por contextos culturais, religiosos e sociais, modificando-se amplamente entre diferentes períodos e sociedades. Ariès (2002) corrobora a mesma ideia, destacando a transformação das atitudes em relação à morte, antes vista como um aspecto natural da vida diária, quando o luto era coletivo e ritualizado, para um fenômeno mais privado e individualizado nos tempos modernos. As perspectivas desses autores nos permitem explorar como as atitudes em relação ao luto têm sido moldadas pelo contexto cultural e como as sociedades ocidentais têm experimentado e interpretado a morte ao longo do tempo.

O Instituto Médico Legal (IML), também referido como Departamento Médico Legal, é o órgão responsável pela realização de necropsias e laudos cadavéricos na área da medicina legal, que servem de subsídios para investigações e processos que envolvam violência, acidentes, mortes suspeitas, desaparecidos, homicídios e suicídio.

Os agentes de necropsia são profissionais do IML, cujas funções laborais dizem respeito ao recolhimento e transporte dos corpos ao referido órgão, bem como, “auxiliar em exumações, operação e dissecação, recomposição, suturas e pesagens de cadáveres, sob orientação imediata do médico, cuidar de limpeza e desinfecção dos locais e dos instrumentos de trabalho” (Lei Orgânica da Polícia Civil – lei n. 5.406/69).

O desconhecimento da sociedade acerca das atividades realizadas pelos profissionais do IML, repercute negativamente no trabalho dos agentes de necropsia, sofrendo esses discriminação pela natureza do seu trabalho estar relacionado ao contato com dejetos e cadáveres (BARROS & SILVA, 2004). A exemplo de outras classes de profissionais que lidam diretamente com o corpo morto, levanta-se a questão da invisibilidade social e da estigmatização pela identificação desse ofício com a morte (CÂMARA, 2011; ALDÉ, 2003).

Ao lançarmos um olhar para o fazer dos profissionais agentes de necropsia entendemos que além dos impactos à saúde psicológica a que estão sujeitos, pelo contato cotidiano com a morte, eles vivenciam situações nas quais presenciam, por vezes, a extrema dor de familiares que perderam seu ente querido de forma súbita e violenta, o que pode mobilizar diversos sentimentos (CÂMARA, 2011) e exigir um manejo com as reações dos familiares do morto, de choque, revolta, desconfiança e demais expressões de pesar características desse tipo de perda.

Segundo Parkes (1998), a perda de algum parente por morte violenta representa um risco à saúde mental dos enlutados. Nos casos de homicídios, fortes sentimento de culpa, de raiva e suspeita são comuns. A espera pela conclusão do processo legal é outro fator que traz consequências negativas. O elemento surpresa que acompanha esse tipo de morte apresenta-se como potencial fator complicador na elaboração do luto. Sensação de choque aparece como uma das reações mais típicas (MOURA, 2006 apud REED, 1998).

Ainda aponta Parkes, em sua experiência como psiquiatra, que entre as pessoas que buscam sua ajuda profissional, após uma perda, “**todas** haviam sofrido formas traumáticas e incomuns de luto” (p.157). Nas suas palavras: “Mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas, mortes violentas e mortes envolvendo ação humana (suicídio, assassinato, etc.) representam um risco especial para a saúde mental, mesmo na ausência de vulnerabilidade” (p. 157).

Dito isso, o presente projeto tem por objetivo conhecer o trabalho dos agentes de necropsia, em especial, a relação desses com os familiares que perderam um ente querido por morte súbita e violenta, contribuindo para a visibilidade e reconhecimento do trabalho destes profissionais para a sociedade, assim como promover reflexões, utilizando vídeos psicoeducativos que abordam a importância do fazer desses profissionais frente à dor das famílias enlutadas.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE

Nas civilizações antigas do Ocidente, como os egípcios, gregos e romanos, o luto era uma prática comum e ritualizada. No Egito, por exemplo, as famílias enlutadas realizavam elaborados rituais de embalsamamento e preparação dos corpos para a vida após a morte. Na Grécia antiga, as cerimônias funerárias eram acompanhadas por discursos públicos de homenagem aos falecidos. Os romanos também tinham rituais funerários marcantes, incluindo procissões e lamentos públicos.

Durante a Idade Média, como ressalta Ariès (1990), o luto era uma parte integrante da vida cotidiana. A morte fazia parte do ambiente familiar, e os rituais de luto eram uma expressão coletiva de dor. A prática de “luto negro” era comum, envolvendo o uso de roupas escuras durante o período de enlutamento. As pessoas participavam de cerimônias religiosas e funerais comunitários que enfatizavam a conexão entre os vivos e os mortos.

Com a chegada do Renascimento, houve uma mudança nas atitudes em relação à morte e ao luto. A influência do pensamento humanista trouxe uma valorização da vida terrena, e as práticas de luto começaram a se tornar mais privadas e individualizadas. A ênfase nas artes e no humanismo levou a um foco crescente na representação realista da vida e da morte nas obras de arte e na literatura.

Ainda segundo Ariès (1990), durante a Era Moderna, a internalização do luto continuou a crescer. A morte tornou-se mais medicalizada, e o luto foi cada vez mais associado à esfera privada. A abordagem mais reservada ao luto era vista como uma demonstração de força emocional e autocontrole. A prática de enlutamento público gradualmente deu lugar a uma expressão mais íntima de tristeza, muitas vezes manifestada nos círculos familiares.

No século XIX, o luto se tornou uma parte complexa da etiqueta social. Viúvas eram esperadas a seguir um código rígido de luto, usando roupas escuras e evitando atividades sociais por um período estabelecido. Ainda assim, a influência das ideias românticas trouxe consigo uma valorização das emoções e do sentimentalismo, permitindo uma expressão mais aberta de tristeza.

No século XX, as atitudes em relação ao luto continuaram a evoluir segundo estudos de Franco (2021), as Guerras Mundiais trouxeram uma grande quantidade de luto público e nacional. O avanço da psicologia também levou a uma maior compreensão das complexidades do luto e das diferentes formas como as pessoas o vivenciam.

Franco (2021) faz referência ao luto no Ocidente que é marcado por uma diversidade de abordagens. Com a crescente ênfase na individualidade, as pessoas têm mais liberdade para escolher como expressar sua tristeza. O luto pode ser compartilhado nas redes sociais, em cerimônias personalizadas ou através de formas criativas de homenagem.

Kovács (2021), renomada pesquisadora da antropologia do luto, destaca a dimensão profundamente social das práticas de luto no decorrer da história. Ela examina como essas práticas foram influenciadas por contextos culturais, religiosos e sociais, variando amplamente entre diferentes períodos e sociedades.

Em sociedades pré-modernas, o luto frequentemente era uma expressão pública e coletiva. As demonstrações visíveis de dor eram consideradas essenciais para a coesão social e para honrar os mortos. O uso de vestimentas específicas, rituais elaborados e períodos de luto prolongados eram comuns.

Kovács (2021) enfatiza a interconexão entre o indivíduo enlutado e a comunidade que compartilhava essa experiência, realçando a importância da morte como um evento compartilhado por toda a sociedade.

Philippe Ariès (2002), oferece uma perspectiva panorâmica sobre a transformação das atitudes em relação à morte e ao luto ao longo dos tempos. Ele traça a evolução da morte de um aspecto natural da vida diária, onde o luto era coletivo e ritualizado, para um fenômeno mais privado e individualizado nos tempos modernos.

Na Idade Média, o luto era ritualizado e teatralizado. As pessoas eram esperadas a cumprir determinadas normas sociais para expressar sua dor, que era compartilhada abertamente. Incluímos a seguir a descrição que Ariès (2002) faz desse período:

“Assim que o defunto dá o último suspiro, começam as cerimônias fúnebres. As mais violentas manifestações (sinônimo de luto) explodiram. Os assistentes rasgavam as roupas, arrancavam a barba e os cabelos, esfolavam as faces, beijavam apaixonadamente o cadáver, caíam desmaiados e, no intervalo de seus tranSES, teciam elogios ao defunto, o que é uma das origens da oração fúnebre” (p.74)

Contudo, com o advento da modernidade, a morte foi gradativamente removida do espaço público e passou a ser vivenciada mais intimamente. Ariès (2002) destaca o papel da internalização do luto, com as emoções ligadas à perda se tornando mais pessoais e menos normatizadas.

A abordagem de Kovács (2021) e as reflexões de Ariès (1990) se entrelaçam, formando um panorama vívido da história do luto no Ocidente. Desde a ostentação pública da dor nas sociedades tradicionais até a internalização e a privatização da dor na era moderna, a evolução do luto reflete as transformações na forma como as sociedades ocidentais concebem a morte, a identidade individual e a comunidade ao longo do tempo.

A história do luto no Ocidente é um espelho das mutações nos valores culturais e nas estruturas sociais que ocorreram ao longo dos séculos. As contribuições de Kovács (2021) e Ariès (2002) destacam que o luto é uma manifestação fluida que responde às transformações em nossas visões de morte, individualidade e comunidade. Essas perspectivas conjuntas nos permitem explorar como as atitudes em relação ao luto têm sido moldadas pelo contexto cultural e como as sociedades ocidentais têm experimentado e interpretado a perda ao longo do tempo.

3- CONHECENDO O TRABALHO DOS AGENTES DE NECROPSIA

3.1 O Instituto Técnico- Científico de Perícia (ITEP) e o Instituto Médico Legal (IML)

No estado do Rio Grande do Norte o IML é um dos órgãos integrantes do ITEP/RN. O ITEP/RN tem como missão:

prestar um serviço de qualidade para a sociedade do Rio Grande do Norte, nas áreas da medicina legal, criminalística e identificação, exercendo um papel fundamental na produção de provas técnicas para elucidação de delitos e

mantendo o arquivo de identificação civil e criminal da população (RIO GRANDE DO NORTE, s/n, 2015).

Cabe ao ITEP/RN a realização de perícias de natureza criminal e do âmbito da medicina legal, com elaboração de laudos para subsidiar investigações e julgamentos de processos legais, que envolvam agressão física, violência sexual, homicídios, suicídio, pessoas desaparecidas, morte por afogamento, morte por acidente de trânsito, morte suspeita, além dos serviços relacionados à identificação civil (como emissão de documento de identidade) e criminal do estado (RIO GRANDE DO NORTE, 2015).

De acordo com a Lei Complementar Nº 571, de 31 de maio de 2016 (RIO GRANDE DO NORTE, 2015), que dispõe sobre a Lei Orgânica e o Estatuto dos servidores públicos do ITEP-RN, este órgão está vinculado à Secretaria de Estado de Segurança Pública e da Defesa Social e tem como órgãos integrantes o Instituto de Medicina Legal (IML), o Instituto de Criminalística (IC) e o Instituto de Identificação (II). Os cargos são agrupados em quatro grupos operacionais, a saber, Grupo Ocupacional I (Perito Médico Legista, Perito Odontologista, Perito Criminal), Grupo Ocupacional II (Assistente Técnico Forense), Grupo Ocupacional III (Agente de Necropsia, Agente Técnico Forense) e Grupo Ocupacional IV (Perito Técnico Forense, Analista Técnico Forense, Auxiliar Técnico Forense, Auxiliar Administrativo).

Segundo o mesmo documento, ao agente de necropsia, compete, entre outras atribuições:

I- auxiliar o Perito Médico Legista, Perito Odontologista ou Perito Criminal durante os exames periciais; II- acondicionar os cadáveres em câmara fria, registrando entradas e saídas, bem como atender e conduzir pessoas para possível reconhecimento cadavérico; III – operar sistemas de tecnologia de informática, bem como dirigir as viaturas oficiais no desempenho de atividades inerentes às suas funções;...V – realizar o recolhimento e o transporte dos cadáveres das vítimas de morte violenta, em qualquer local, a qualquer hora e em qualquer estado de conservação ou configuração, sempre que solicitado por autoridade competente; VI – preparar os cadáveres para necropsia por meio da realização dos procedimentos de retirada de vestes, limpeza, abertura do crânio, cavidade torácica e abdominal; VII – auxiliar na coleta de materiais dos cadáveres objeto de necropsia, dentre eles, vísceras, sangue, secreções, projéteis, entre outros, acondicionando-os adequadamente; VIII – concluir, sob orientação do Perito Médico Legista, Perito Odontologista ou Perito Criminal, os procedimentos de necropsia, por meio da sutura e guarda dos cadáveres; ...XV – entregar o corpo, após a necropsia, aos familiares, ou à funerária, auxiliando, quando necessário, no seu transporte até o carro funerário (RIO GRANDE DO NORTE, 2015, p. 17-18).

Atualmente, o ITEP/RN conta com o setor psicossocial, composto por sete assistentes sociais e quatro psicólogos, sendo que a maioria desses profissionais ingressou recentemente no órgão, pelo concurso realizado em 2022, sendo esse referido ano o primeiro destinado ao ingresso de psicólogos. Esse setor é responsável por realizar o acolhimento psicossocial de todas as pessoas que procuram o ITEP/RN, com o objetivo de entender a demanda, realizar a orientação necessária para cada situação e encaminhamento para os demais órgãos da rede de proteção e cuidado

Foi estruturado, em 2017, também uma sala específica para um melhor atendimento às mulheres vítimas de violência (sala Lilás). “O ITEP trabalha com perdas”, frase ouvida na conversa com uma das funcionárias do setor psicossocial, que denota uma sensibilidade com a dor dos que ali procuram esse órgão e o comprometimento de tentar “reduzir o sofrimento” dos mesmos oferecendo um “acolhimento”, que comporta desde uma escuta sensível até as “providências práticas burocráticas”. (Comunicação pessoal).

O IML/RN conta atualmente com 26 agentes de necropsia, que trabalham em regime de plantão 24h/72h, divididos em equipes de seis funcionários. Em cada equipe procura-se colocar sempre um funcionário mais antigo, levando em consideração que o tempo de experiência ajuda os demais da equipe, sendo dois desses encarregados do recolhimento e transporte dos cadáveres e quatro responsáveis pela necropsia. Essa divisão foi organizada pelo chefe do setor, respeitando a preferência dos funcionários para cada função, de forma que aqueles que vão recolher e transportar os cadáveres e que também muitas vezes têm contato com a família do morto não são os mesmos que realizam a necropsia, o que nos leva a pensar que essa divisão pode servir de estratégia de autocuidado a saúde emocional.

A escolaridade exigida para a função é nível médio, contudo todos os aprovados no último concurso são de nível superior. Ao ingressar na função, recebem um treinamento técnico de 1 mês de duração. A questão física foi apontada como uma dificuldade no exercício da profissão, pois precisam de força física para pegar os corpos mortos que são pesados, levá-los até a viatura que às vezes não tem condições de acesso próximo ao local. (Comunicação pessoal).

3.2- O ofício de trabalhar com o corpo morto

Autores como Câmara (2011), Barros e Silva (2004) advertem sobre os riscos de adoecimento, pelo desgaste físico e emocional dos trabalhadores que lidam cotidianamente com a morte e a dor do outro. A morte do outro nos lembra da nossa própria, assim como a dor de perder algum ente querido nos alerta da possibilidade dessa perda nos acometer.

Estudos demonstram a utilização de defesas psíquicas comuns por parte dos profissionais que lidam com a morte para que seja possível a realização de suas atividades laborais, como por exemplo, a coisificação dos cadáveres, transformando-os em objeto de estudo (ALDÉ, 2003; BARROS & SILVA, 2004; LIMA-SILVA et al.,2021).

À semelhança dos agentes funerários e dos estudantes de medicina, os agentes de necropsia desenvolvem estratégias de defesa, afastando do corpo morto qualquer indício de identidade humana, para conseguirem realizar sua função. Referem-se ao corpo morto como cadáver, esse último não tem nome próprio, tem o NIC (Número de Identificação Cadavérica), do que podemos inferir que quanto menos contato com a história, mais preservado o estado emocional dos agentes. Evitar olhar os rostos dos cadáveres no momento da necropsia é outra estratégia de blindagem emocional utilizada por alguns agentes de necropsia ou necrotomistas (BARROS & SILVA, 2004).

Lima-Silva et al. (2021) em artigo sobre as estratégias defensivas utilizadas pelos necrotomistas do DML de uma cidade do nordeste do Brasil, indicaram além da coisificação dos cadáveres, o uso de brincadeiras entre os colegas e outras distrações durante as necropsias, adesão a uma religião e o uso de bebidas alcoólicas. Esses mecanismos de defesa se fazem necessários frente ao trabalho com os corpos danificados e a história de violência e drama neles encarnados. Sobre a prática de brincadeiras, é importante ressaltar: “A utilização de tais recursos lúdicos não constitui uma expressão de imprudência e descuido com o trabalho. Ao contrário, podem traduzi-lo como artifício, muitas vezes, imprescindível, presente em diversas atividades laborais” (p.6)

Outro ponto a considerar é que esse ofício exige lidar com incômodos olfativos advindos de um corpo morto, às vezes em estado de putrefação. Como demonstrado em pesquisa realizada por Barros e Silva (2004) com profissionais do Departamento de Medicina Legal (DML) de Belo Horizonte, bem como o

estudo de Lima-Silva et al (2021) com necrotomistas do DML de uma capital do Nordeste brasileiro, lidar com imagens de corpos danificados, odores, manuseio dos corpos, olhar para fisionomia dos cadáveres são dificuldades sentidas muito fortemente no início da profissão, mas que com a experiência ao longo do tempo de trabalho, tendem a amenizar.

Ainda sobre os incômodos olfativos, os mesmos autores acrescentam: “Ocorre que mesmo utilizando os equipamentos de proteção individual (EPI) necessários (luvas, jalecos, aventais, máscaras, botas emborrachadas), tanto os pulmões quanto a pele dos profissionais parecem absorver as moléculas odorantes exaladas pelos cadáveres em putrefação. Assim, para os necrotomistas, torna-se incômodo sentirem o cheiro pétrico no próprio corpo, mesmo depois que deixam o ambiente de trabalho, e um constrangimento ao perceberem que também os outros o sentem” (LIMA- SILVA et al., 2021, p. 7)

Observou também que as necropsias de crianças, principalmente daquelas vítimas de violência sexual resiste à blindagem emocional (Lima-Silva et al, 2021) e nos casos de crimes e acidentes, se o profissional tem filhos ou netos na idade da criança vitimada é mais fortemente impactado, ressaltam Barros e Silva (2004). Outras pesquisas sobre trabalhadores da morte enfatizam a mesma ideia de que quando se trata de crianças, esses profissionais têm maior dificuldade, seja para lidar com suas próprias emoções, seja com a dos familiares (CÂMARA, 2011; ALDÉ, 2003; LOUZADA, 2014).

3.3 Os agentes de necropsia e a dor das famílias enlutadas

A morte de um ente querido dá início a um processo de luto que envolve diversos sentimentos como raiva, tristeza, medo e alívio (KOVÁCS, 2007). Em estudos sobre o luto (BOWLBY, 2004) foram observadas reações de choque, busca, desorganização e desespero. A elaboração dessa experiência dolorosa depende de diversos fatores, como vínculo com a pessoa perdida, a vulnerabilidade do enlutado, as circunstâncias da morte, a rede de apoio e as crenças do enlutado (PARKES, 1998).

De acordo com Parkes (1998), as mortes violentas, que comportam um caráter repentino e inesperado, homicídios, acidentes de trânsito, suicídio representam um grande risco à saúde mental dos enlutados. A sensação de entorpecimento e descrença que se estende por um longo período de tempo,

mobilização de intensos sentimentos de raiva e culpa, o fator legal e o estresse pela lentidão da justiça que envolve esse tipo de morte são fatores que podem levar a formas de adoecimento psicológicos duradouros, ao luto complicado, à depressão, ao Distúrbio de Estresse Pós-traumático.

Assim como os agentes funerários, o agente de necropsia precisa lidar com o sofrimento dos familiares das vítimas sendo alvo das primeiras reações de luto desses, defrontando-se com as reações de choque que as mortes violentas e repentinas suscitam no enlutados (CÂMARA, 2011). São eles quem entregam o corpo aos familiares, como também, são os responsáveis pelo recolhimento e transporte dos corpos ao IML.

Se de um lado existe a necessidade dos agentes de necropsia objetificarem o corpo, realizando a operação da transformação de “corpo pessoa” em “corpo boneco” (SILVA, 2004), afastando-se de aspectos que lembram qualquer traço de vida e dos sentimentos e sensações que este corpo e/ou história dessa morte podem lhe despertar (CÂMARA, 2011), para que assim seja possível a realização de seu trabalho, do outro lado está o corpo pessoa que para a família não é um corpo objeto, é seu ente querido.

Alguns estudos colocam que algumas profissões, como agentes funerários e agentes de necropsia podem ser estigmatizadas, em função do seu trabalho com o corpo morto (ALDÉ, 2003). A pesquisa realizada por Paula e Ruiz (2020), com auxiliares de necropsia revelou que apesar da sociedade ver como indispensável o trabalho desses profissionais, há um preconceito advindo de um sentimento de repulsa, o que demonstra estar relacionado ao que Bendassolli e Da Rocha Falcão (2013) conceituam como visão social de “trabalho sujo”, no que se refere aos aspectos intrínsecos dessa atividade, como por exemplo, aos riscos de contaminação, o que contribui para que não se sintam valorizados profissionalmente pela sociedade.

4 - O LUTO DAS FAMÍLIAS FRENTE A PERDA POR MORTE VIOLENTA E REPENTINA

Kovács (1992) coloca a morte como um rompimento na relação entre as pessoas, portanto ao ocorrer de maneira brusca e inesperada, impacta em uma “desorganização, paralisação e impotência.”

Mortes inesperadas são bastante complicadas, pela sua característica de ruptura brusca, sem que pudesse haver nenhum preparo. A mutilação do corpo, costuma ser um fator agravante, acarretando frequentemente revolta e desespero. Sabe-se que o estado em que fica o morto, pode ter fortes influências nas memórias e lembranças, que se têm dele. (p. 155)

Segundo Parkes (1998) o luto se coloca como uma transição psicossocial, com impactos em todas as áreas humanas. Considera o luto como “a expressão dos vínculos que as pessoas estabelecem umas com as outras e que, em última análise, nossos vínculos têm suas raízes na infância”. (PARKES, p. 15)

Franco (2011 citado por Rocha, 2019) descreve o luto como uma experiência de crise, ocorrendo desequilíbrio frente ao ajustamento necessário e uso de recursos disponíveis para atravessar o momento da perda.

[...] é necessário à família que perde um ente querido passar por um processo de resignificação para estabelecer um novo equilíbrio a partir dessa perda marcante e inalterável, visto que a pessoa que morreu não voltará ao sistema familiar a que pertencia e que, sem a pessoa, esse sistema sofre mudanças. (FRANCO, 2011 apud ROCHA et. Al., p. 326)

Segundo Franco (2021) mortes que de alguma forma atravessam complicações da justiça “expõem a família a todo o sofrimento desencadeado pelo processo legal e jurídico, que mantém a ferida aberta a cada novo passo na direção de sua cicatrização, sempre demorada (FRANCO, p.94).” Aponta ainda que mortes súbitas, violentas e inesperadas carregam um peso significativo para o luto complicado. Ressalta ainda as mudanças vivenciadas em um processo de luto, como “a vida não é a mesma quando se vive um luto. O mundo presumido se transforma, os significados não fazem sentido como antes e uma reconstrução de identidade e de vida se impõe.” (FRANCO, p.120)

A família em um processo de luto, necessita se reestruturar, frente à crise emocional e relacional, levando em conta os fatores internos, como recursos psicológicos, histórico de perdas e crenças familiares; e também fatores externos, ou seja, como ocorreu a morte, rede de apoio e recursos da comunidade. (FRANCO, 1996, 2005 apud DOMINGUES et al. 2011)

Com relação aos fatores externos podemos associar ao que aponta Costa et al., (2017) quando coloca sobre os primeiros impactos na família após o recebimento de uma notícia de morte por homicídio, em que o caos e confusão

atrapalha a compreensão com nitidez sobre as circunstâncias da morte. Sentir-se desorientado, sem chão, profundamente abalado e desesperado são reações e sensações comuns que inauguram um longo processo de vivência da perda. A partir desse momento, mudanças bruscas são impostas à vida dos familiares das vítimas, período imediato à notícia da morte é caracterizado por choque intenso e descrença no ocorrido pela família da vítima (CLEMENTS; BURGESS, 2002 apud COSTA et al. 2017).

Segundo aponta Domingues et al. (2011) ao ampliar os olhares acerca dos fatores de risco e proteção, bem como ao contexto, estes se mostram como um caminho significativo para compreensão do modo como os familiares vivenciam e se adaptam frente à morte. O contexto anterior e posterior a morte é importante para os familiares se reorganizarem, para além da morte em si (Assis, Pesce e Avanci, 2006 apud DOMINGUES et al., 2011).

5 - OBJETIVO GERAL

O presente projeto tem por objetivo conhecer o trabalho dos agentes de necropsia, em especial, a relação desses com os familiares que perderam um ente querido por morte súbita e violenta, contribuindo para a visibilidade e reconhecimento do trabalho destes profissionais para a sociedade, assim como promover reflexões sobre a importância do fazer desses profissionais frente à dor das famílias enlutadas.

6- MÉTODO

Para a realização desse trabalho, buscamos conhecer as atribuições dos agentes de necropsia, a partir de pesquisa bibliográfica e de informações colhidas em conversas com funcionários do IML (ITEP) do Estado de uma das autoras do trabalho, em virtude da abertura e interesse da referida instituição, para viabilizar a concretização da nossa proposta.

Após a realização da etapa anterior, projetamos a elaboração de vídeos de animação psicoeducativos que abordam a importância do fazer destes profissionais frente a dor dos familiares enlutados.

7- RESULTADOS

As informações colhidas nas conversas com alguns agentes de necropsia revelaram, no fazer desses profissionais, o cuidado e o acolhimento aos enlutados. Percebemos algumas atitudes que demonstram sensibilidade com a dor das famílias das vítimas e pareceu-nos ser essa sensibilidade que possibilita e os guia nesses cuidados.

Destacaremos a seguir, trechos das conversas, onde identificamos os cuidados dos agentes com a dor das famílias enlutadas, correlacionando-os com os aspectos teóricos dos estudos sobre o luto.

De uma forma geral, o trabalho dos agentes de necropsia se divide da seguinte forma: no necrotério, preparando o corpo para a necropsia; no recolhimento e transporte do corpo ao IML (ITEP) e no setor de atendimento onde realizam a entrega do corpo a família.

No setor de necropsia foi percebido o cuidado com o corpo morto, buscando deixá-lo de forma mais apresentável possível: “*não é porque o cara tá morto que não vou fazer uma sutura cirúrgica*”. “*Sim, tem que dar banho. Você não vai entregar o cadáver em sangue*” (Agente de necropsia A). A atitude dos agentes vai ao encontro da reflexão trazida por Kóvacs (2021), quando afirma que o estado do corpo morto do ente querido pode causar impactos emocionais para os familiares. Para a autora, “manter o corpo morto parecido com o vivo traz lembranças da pessoa em vida, favorecendo o processo de elaboração da perda” (p.21).

Em algumas ocorrências para recolhimento e transporte do corpo, os agentes têm contato com os familiares da vítima e esses momentos exigem sensibilidade e habilidade de comunicação, pois alguns tipos de morte violenta, como os homicídios podem mobilizar, por parte dos familiares, reações de revolta e desconfiança do trabalho dos agentes, com relação ao receio do corpo do seu ente não ser cuidado, foi o que nos explicou um agente de necropsia : “*...às vezes, tem que conversar com a família, explicar o que vai fazer, para convencer a levar o corpo*”(Agente de necropsia B).

Às vezes, a perícia inicia-se no local da ocorrência com a procura de capsula, recolhendo entorpecentes, documentos, celulares. Para isso, o local é isolado. Nessas ocasiões um familiar pode estar presente e impactado pela perda, querer romper o isolamento, como uma situação em que um pai queria abraçar o filho (morto) e o agente segurou e explicou que não podia porque a perícia inicial precisaria ser feita: “*já pensou um pai não poder abraçar um filho?!*” (Agente de necropsia C), falou-nos mostrando sua sensibilidade à dor daquele familiar e lembrando que naquela ocasião emocionou-se juntamente com o pai da vítima.

Quando a morte ocorre de forma repentina e violenta, as reações emocionais da família são fortes e marcadas por uma sensação de irrealidade. O respeito à dor e as explicações fornecidas pelos agentes de necropsia nessas situações acima citadas ajuda os familiares, pois como apontado por alguns autores (Costa et al, 2015), em situações de crise, as informações têm a função de reduzir o estresse agudo causado pelo impacto, possibilitando aos familiares se organizarem cognitivamente, mesmo que minimamente.

Não permitir a população filmar ou fotografar foi outra atitude de cuidado, relatada: *“por respeito aos familiares, tentando preservar o máximo a integridade da pessoa que morreu”* (Agente de necropsia C). Sabemos que o uso indevido da tecnologia pode se constituir numa exposição abusiva de imagens, gerando mais sofrimento.

No setor de identificação, onde se dá a entrega do cadáver à família, e reconhecendo que é um momento difícil para a mesma, há um cuidado para não gerar sofrimentos adicionais: *“não entro em detalhes do caso para o familiar; explicou que eles vão receber o resultado da perícia daqui a tantos dias... meus sentimentos”* (presta os pêsames). E acrescenta: *“Não expresso opinião, principalmente em casos de suicídio”* (Agente de necropsia C). Vale lembrar que o luto por suicídio apresenta especificidades por se tratar de uma morte violenta e traumática, envolver trâmites legais, pelos sentimentos dos familiares de vergonha, medo, culpa por não ter conseguido evitar. A atitude de não julgamento por parte do profissional também se configura como cuidado a essas famílias enlutadas.

Essa atitude de não julgamento observada também nos casos em que a pessoa que morreu foi aquela que teve uma vida ilícita, se constitui em mais uma atitude de cuidado. Como aponta Rigonatti e Franco (2021), além da dor pela perda, é comum a família sofrer pelo julgamento da sociedade, não se sentindo autorizada para expressar seu pesar, sendo então um luto não reconhecido.

Essas informações colhidas nas conversas com alguns agentes de necropsia nos fizeram pensar que os próprios agentes não têm conhecimento da importância dessas atitudes sensíveis e de acolhimento à dor das famílias enlutadas no favorecimento da elaboração do processo de luto dessas famílias. Nomear e validar como cuidado essas atitudes de não julgamento, de preocupação com o corpo morto, com a dignidade, com os familiares enlutados contribui para a práxis profissional e conseqüente valorização desses profissionais.

8. ROTEIRO

8.1 AS AVENTURAS DE FINY

Criação de uma personagem, Finy, que narra suas descobertas sobre a função do agente de necropsia, sua relação com as famílias e o processo de luto. Esta se irá se apresentar como uma personagem com muitas curiosidades e inquietudes sobre a morte, morrer e o processo de luto.

CENA 1: Apresentação da personagem e de sua aventura

IMAGENS: a personagem com vários balões do pensamento, indicando as conversas internas. Em seguida, compartilha suas falas e de como tem aprendido tanto, mostrando a logo do instituto. Depois, surge uma lâmpada indicando a ideia de se aventurar. E por último a personagem pegando uma lupa, que ao direcionar o olhar para os agentes consegue ver diversas palavras ou cenas sobre o trabalho que envolve os agentes (indicando invisibilidade da profissão, bem como a importância de se olhar de perto, de conhecer para ampliar).

FALAS: “Oi gente sou a Finy. Desde o início da minha graduação tenho muitas curiosidades e inquietudes sobre luto, por isso já tem algum tempo que venho buscando pesquisar sobre a morte, morrer e o processo de luto.

“Agora, vou contar para vocês como tenho aprendido tanto, isso mesmo spoiler (risos). Estou finalizando um curso lindo pelo Instituto Quatro Estações, lá pude encontrar alguns sentidos e aprender sobre o Processo de luto.”

“E através de muitos diálogos internos levantei curiosidades sobre os agentes de necropsia. Isso mesmo que ouviram, tenho pensado o quanto se coloca como uma profissão invisível. Por isso, embarquei em uma aventura magnífica e tenho um convite para vocês, na verdade um desafio, vamos juntos nessa?”

CENA 2: Importância do Agente de necropsia

IMAGENS: Após a ampliação da lupa, surge a imagem das pessoas uniformizadas de agentes de necropsia, seguido de uma série de pontos de interrogação. Enquanto a personagem conta sobre o trabalho dos agentes vão

surgindo imagens dos mesmos em suas funções, bem como do IML (Instituto Médico Legal). Imagens da justiça.

FALA: “Vocês sabiam??? Que os agentes de necropsia são solicitados em casos de mortes que apresentam circunstâncias que requerem uma investigação médica e forense mais detalhada.”

“Por isso, esses profissionais desempenham um papel essencial na determinação da causa da morte e na coleta de evidências, contribuindo para a medicina legal e o sistema de justiça. Suas habilidades e conhecimentos desempenham um papel fundamental na resolução de casos e na garantia da justiça. Que incrível pessoal! E tem mais...”

CENA 3: Relação dos agentes de necropsia com as famílias enlutadas

IMAGENS: A personagem vai diminuindo e as imagens dos Agentes junto das famílias enlutadas se espalhando pela tela. Depois volta com a personagem para o centro e congela sua imagem após a última fala.

FALAS: “Esses profissionais lidam cotidianamente com a morte, e muitas vezes são colocados em contato direto e/ou indireto com o sofrimento dos familiares das vítimas. Calma aí pessoal...”

CENA 4: Retrospectiva para olhar historicamente a morte

IMAGENS: Acelerada e retroativa em que coloca a personagem em contexto histórico para falar da morte. Recortes de cenas de rituais diversos para falar da morte em vários contextos.

FALAS: “Pessoal, eis um ponto importante para olharmos: a história da morte. Vocês sabiam, que a morte e as vivências do luto são atravessadas por contextos culturais, religiosos e sociais? Além disso, têm sido modificadas ao longo dos tempos?! Isso mesmo! E assim, essas transformações de atitudes em relação a morte antes vista como um aspecto natural da vida diária, onde o luto era coletivo e ritualizado, para um fenômeno mais privado e individualizado nos tempos modernos.”

CENA 5: O processo de luto frente a perdas por mortes repentinas e violenta

IMAGENS: Logo do curso, professoras ensinando e a personagem estudando. Imagens de mortes descritas e pessoas expressando emoções.

FALAS: “Vocês sabiam que o processo de luto envolve diversos sentimentos como raiva, tristeza, medo e alívio entre outros?!”

“A elaboração dessa experiência dolorosa depende de diversos fatores, como vínculo com a pessoa perdida, a vulnerabilidade do enlutado, as circunstâncias da morte, a rede de apoio e as crenças do enlutado. Por isso, lembrem-se, é um processo individual e cada pessoa vivência de um modo. “

“Nessa jornada pelo curso em luto, já compartilhado com vocês, aprendi através de professoras incríveis e outras referências, que mortes violentas, de caráter repentino e inesperado, como homicídios, acidentes de trânsito, suicídio e outras, representam um risco significativo para luto complicado.”

CENA 6: Voltando aos agentes de necropsia e o contato com as famílias enlutadas. Personagem vai narrando, horas sua imagem fica em primeiro plano e em outros momentos aquilo que ela vai compartilhando fica em evidência.

IMAGENS: Personagem com vários balões refletindo formas de continuar nessa aventura. Depois a mesma liga para o ITEP, marca uma data, pega sua mochila e vai até lá. Mostra-la no telefone conversando, seguido de um calendário, os dias correndo até a data agendada. E por fim, pegando sua mochila e chegando na instituição.

FALAS: “No caminho de volta, fiquei pensando... como podemos conhecer mais do trabalho desses agentes?”

“Acho que podemos ouvi-los, é isso, eles são os melhores para nos contar como tudo acontece no dia a dia. Vou ligar para instituição e agendar uma visita.”

CENA 7: Horas depois

IMAGENS: Ilustrar com um relógio. Mostrar funeral e as pessoas se despedindo.

FALAS: “A visita foi fantástica, me senti acolhida pela equipe e quero muito compartilhar tudo que vivi lá. Estou me sentindo privilegiada por tantas conversas prazerosas.”

“Vocês sabiam que a forma como os agentes de necropsia manuseia o corpo morto representa um cuidado e um respeito a dor da família enlutada? Pois é, um deles me contou sobre como prepara o corpo, após a necropsia, para entregá-lo a família para o ritual de despedida. Me disse assim “não é porque o cara tá morto que não vou fazer uma sutura cirúrgica”. “Sim, tem que dar banho. Você não vai entregar o cadáver em sangue”. Com isso, fiquei pensando na importância desse cuidado para os enlutados porque manter o corpo semelhante ao de como a pessoa era em vida favorece o processo de elaboração da perda. Vocês sabiam disso?”

CENA 8: Agentes de necropsia e as famílias enlutadas

IMAGENS: De um lado os agentes e do outro, famílias expressando reações diante da perda, seguido de caixas de diálogo entre os mesmos.

FALAS: “E vocês sabiam que os agentes de necropsia podem ser alvos das primeiras manifestações de luto dos familiares? E de que essas podem ser reações de choque, e marcadas muitas vezes por revolta?”

“Pois é, tudo isso pode acontecer pessoal no momento em que os agentes vão buscar o corpo da vítima, para transportá-lo ao IML. E por vezes as famílias sentem desconfiança no trabalho desses profissionais, receiando que o corpo de seu ente querido não seja bem tratado.”

Outro agente de necropsia disse assim: “...às vezes, tem que conversar com a família, explicar o que vai fazer, para convencer a levar o corpo”. Fiquei pensando... quanta sensibilidade e habilidade de comunicação presentes nessa ação do agente. Essa atitude acolhedora favorece seu trabalho, mas também as famílias né?!

CENA 9: Agentes de necropsia e as famílias enlutadas

IMAGENS: Agente de necropsia isolando uma área, onde tem um corpo morto, e um familiar se aproximando. O profissional acolhe e restringe sua passagem.

FALAS: “E ainda, por vezes seu trabalho precisa acontecer no local em que ocorreu a morte, sendo necessário isolar toda área. O agente me contou de uma situação em que precisou afastar um familiar do seu ente querido...fiquei imaginando o quanto deve ter sido difícil hein, ele me disse que se emocionou junto ao pai da vítima: já pensou um pai não poder abraçar um filho?!”

“Senti sua sensibilidade frente à dor daquele familiar. E estou aqui pensando... sobre o quanto oferecer as informações adequadas pode reduzir o estresse agudo causado pelo impacto da perda, ajudando os enlutados se organizarem cognitivamente, ainda que minimante.”

CENA 10: Agentes de necropsia e as famílias enlutadas

IMAGENS: Personagem triste e suas falas sobre a população registrar cenas onde tem vítimas. Ainda no local onde encontra-se alguma vítima, mostrar a população se aproximando, alguns com celulares na mão tentando registrar algo. E o agente tentando impedir.

FALAS: “Vocês sabiam que não é permitido filmar ou fotografar uma vítima?”

“Fico triste ao ver quando isso acontece. Um dos agentes compartilha sua atitude de cuidado, explicando que tenta impedir que alguém filme ou fotografe: “por respeito aos familiares, tento preservar o máximo a integridade da pessoa que morreu”. O uso indevido da tecnologia pode se constituir numa exposição abusiva, gerando mais sofrimento aos enlutados.”

“E sobre o tipo de morte, enfatizou: Não expresse opinião, principalmente em casos de suicídio”

“E isso me faz pensar em um ponto importante: o julgamento da sociedade nessas situações acaba por não autorizar os enlutados a expressarem seu sofrimento diante da perda, o que pode caracterizar como um luto não reconhecido.”

CENA 11: Finalizando aventura

IMAGENS: Personagem em primeiro plano, em balões de pensamentos vários recortes do que foi compartilhado antes. Os balões somem para compartilhar o que foi surgindo após.

FALAS: “Nossa pessoal, quantas conversas internas tem surgido desde o início desta aventura. Confesso que não imaginava tamanha riqueza presente no trabalho dos agentes de necropsia. Estou aqui pensando... na complexidade envolvida em processo de luto por morte repentina e violenta. E do quanto os cuidados existentes no trabalho dos agentes são importantes, mas também desafiadores.”

“Minha jornada está chegando ao fim, mas fico pensando que ainda tem muito para ser explorado.”

CENA 12: Despedida

IMAGENS: Finy se despedindo

FALAS: “Chegamos ao final dessa jornada. E gostaria de dizer que foi muito prazeroso ter vocês comigo. Talvez ainda possamos voltar em algum momento, ainda tem muito para se descobrir e vocês também podem construir novos caminhos para serem explorados.”

“Espero que tenha sido uma experiência fantástica para vocês. E até breve.”

9- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a morte de um ente querido desencadeia um complexo processo de luto, permeado por uma miríade de emoções e reações que podem variar de acordo com inúmeros fatores. Em particular, mortes violentas e repentinas representam um desafio significativo para a saúde mental dos enlutados, com potenciais consequências duradouras, incluindo luto complicado, depressão e Distúrbio de Estresse Pós-traumático.

O trabalho destaca a complexidade do luto, especialmente quando se trata de mortes súbitas e violentas, como homicídios, acidentes de trânsito e suicídios. Esses eventos representam um grande risco para a saúde mental das pessoas enlutadas, desencadeando uma série de emoções e reações difíceis de lidar.

Notamos, no decorrer do nosso trabalho, que os agentes de necropsia, desempenham um papel fundamental no processo tanto da morte quanto no luto. Para realizar seu trabalho, eles buscam equilibrar a necessidade de objetificar o corpo, com a sensibilidade de compreender o significado desse corpo para a família enlutada. Enfrentam desafios diários que vão desde a exposição a corpos danificados até o contato com o sofrimento das famílias enlutadas. Esse contato pode se tornar uma oportunidade para oferecer cuidado e acolhimento, ajudando as famílias a elaborarem seu luto de maneira mais saudável.

Nós autoras desse trabalho nos deparamos com a relevância dessa profissão para a nossa sociedade. Ao escutar os agentes explicando-nos sobre seu trabalho e as dificuldades encontradas ao lidar cotidianamente com perdas, tristeza e dor, identificamos atitudes de cuidado para com as famílias enlutadas que até então não havíamos nos dado conta, repercutindo em nós um respeito e uma admiração a essa categoria. Os agentes de necropsia muitas vezes sofrem estigmatização devido à natureza do trabalho e à percepção social de "trabalho sujo", o que pode afetar a valorização profissional dessa categoria.

O cuidado desses profissionais com a dor das famílias é um cuidado invisível aos próprios profissionais e à sociedade. Soma-se a isso, o fato que, em geral, da morte poucos querem saber, desejando também mantê-la invisível. Nosso desejo como autoras desse trabalho e como profissionais que lidam com

o luto é que ao lançarmos luz ao fazer dos agentes de necropsia, eles possam se reconhecerem também como profissionais que cuidam do luto. Cuidados esses expressos, muitas vezes de forma silenciosa quando manejam o corpo morto ou dando voz à dor das famílias enlutadas, quando lhes dirigem palavras que as ajudam a se organizarem minimamente. Tal reconhecimento, pode levá-los a agregar valor à sua prática e contribuir para a práxis profissional.

Desejamos também, que ao conhecer o trabalho dos agentes de necropsia, a sociedade possa ser tocada de forma semelhante a que nós fomos suscitando respeito e admiração por eles, possibilitando a visibilidade e valorização social desses profissionais.

Reconhecemos como é importante o apoio às famílias enlutadas, bem como a esses profissionais. Sendo assim, destacamos a necessidade de um trabalho voltado ao cuidado dos agentes de necropsia, com o objetivo de mitigar o impacto que lidar cotidianamente com a morte pode causar a saúde mental dos mesmos. Entendemos que cuidar dos agentes de necropsia reverbera no cuidado com a população, no sentido que assim sendo, eles têm condições de melhor assistência às famílias enlutadas.

Atenta-se para um olhar à formação desses profissionais que inclua conhecimentos sobre o processo do luto, bem como reflexões acerca de que seu modo de trabalho pode representar um cuidado para com a dor das famílias enlutadas, podendo ser um fator protetivo e contribuir para a prevenção do luto complicado.

Em última análise, a compreensão e o respeito pela complexidade do luto e pela importância do trabalho dos agentes de necropsia são fundamentais para lidar com as consequências psicológicas e sociais de mortes violentas e para promover uma abordagem mais empática e inclusiva em relação a esses profissionais.

Longe de esgotar o tema, as ideias discutidas neste trabalho pretendem abrir espaço de reflexão para que a prática profissional com a situação de morte seja considerada com cuidado.

10 - REFERÊNCIAS

- ALDÉ, L. Ossos do ofício. Processo de trabalho e saúde sob a ótica dos funcionários do IML do Rio de Janeiro. 2003. Dissertação-Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.
- ARIÈS, P. “História da morte no Ocidente”. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 142-57
- BARROS, V.A; SILVA, L.R. Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.10, n.16, 2004.
- BOWLBY, J. Apego e perdas: tristeza e depressão, 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COSTA, D. H. DA. et al. Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias de vítimas 1,2. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 27, n. 3, p. 685–705, jul. 2017.
- DOMINGUES, D. F.; VILLAS BOAS, A. C. V. B.; DESSEN, M. A. Homicídio juvenil por arma de fogo e reorganização familiar: um estudo de caso. Psico, [S. l.], v. 42, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/6430>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- FRANCO, M. H. P. “O luto no século 21. Uma compreensão abrangente do fenômeno”. São Paulo: Summus, 2021.
- KOVÁCS, M.J. (1992). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- KOVÁCS, M.J. “Educação para a morte: Quebrando paradigmas” Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021, p.152-62
- LIMA-SILVA, F. L. L. ZAMBRONI-DE -SOUZA, P.C.; ARAÚJO, A.J.S.; PINTO, F.M. Quando o trabalho exige lidar com a morte: o caso dos necrotomistas. Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v.14, n.2, 2021.
- LOUZADA, R.S.M.L. “Eu tenho medo é dos vivos”: análise psicodinâmica do trabalho entre profissionais da Medicina Legal. Dissertação. Universidade Federal do Pará. Belém, 2014.
- PARKES, C.M. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta, 3ª edição. São Paulo: Summus, 1998.
- PAULA, N.R.O.; RUIZ, E.M. O cadáver como objeto de trabalho: percepções de auxiliares de necropsia sobre o lidar com a morte e suas implicações. Editora da Universidade Estadual do Ceará-EdUECE. Ceará, 2020.

RIGONATTI, Vanessa; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto materno pelo jovem perpetrador: sobrevivendo a morte violenta do filho in Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas. Curitiba: Appris Editora. 2021.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Lei Complementar nº 571, de 31 de maio de 2016. Coordenadoria de Controle dos Atos Governamentais – CONTRAG/ Rio Grande do Norte.

RIO GRANDE DO NORTE. S/A. Instituto Técnico- Científico de Perícia. Instituto Técnico- Científico de Perícia. 2015. Disponível em: <http://www.itep.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=42002&ACT=&PAGE=0&PARM=&LBL=Instituto>. Acesso em: 26 maio 2023.

ROCHA, Priscila Gomes; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323-344, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438V0031N02A06>.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ portador(a) do CPF _____, servidor(a) do Instituto Técnico- Científico de Perícia do estado do Rio Grande do Norte (ITEP-RN) no cargo _____ autorizo a utilização do material referente as informações concedidas por esta instituição para uso acadêmico, sem fins lucrativos, como dados para realização do Trabalho de conclusão do Curso de Especialização e Aprimoramento: Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto, realizado no 4 Estações Instituto de Psicologia- SP. O projeto tem por objetivo conhecer o trabalho dos agentes de necropsia, em especial, a relação desses com os familiares que perderam um ente querido por morte súbita e violenta, contribuindo para a visibilidade e reconhecimento do trabalho destes profissionais para a sociedade, assim como promover reflexões sobre a importância do fazer desses profissionais frente à dor das famílias enlutadas.

Realizado pelas psicólogas Ana Maria M. C. De Toletto Piza; Jeannine Marinho Lopes e Michelli Ariane Pires e supervisionado e orientado pela Profa. Dra. Valéria Tinoco.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram completamente explicados.

As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração de trabalho científico, que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Os nomes dos entrevistados da instituição não serão utilizados nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade dos registros será garantida.

Desse modo, concordo com a realização deste estudo e em cooperar com as pesquisadoras.

Nome:

Assinatura:

Natal, ____ de _____ de 2023

Pesquisadoras:

Ana Maria M. C. De Toletto Piza CRP 06/86575; Jeannine Marinho Lopes CRP 17/0378; e Michelli Ariane Pires CRP 06/155491